

O rigor e a credibilidade da ciência moderna, na explicação lógico-matemática dos fenômenos naturais, transformaram-na em musa do saber. As eternas indagações sobre as origens do universo, da vida e principalmente do ser humano, outrora explicadas pelos mitos, pelas religiões ou pela filosofia, passam -com relativo sucesso- a objetos da ciência. Porém, ao tentar descrever o ser humano a partir de seu arsenal metodológico-experimental ela descaracterizou a totalidade deste ser, relegando grande parte das suas potencialidades, tais como, as manifestações intuitivas, psicossomáticas e transcendentalistas, entre outras, as quais seus métodos não puderam elucidar nem abranger. Os corpos que sentem fome, que choram, que se apaixonam, que se expressam através do movimento e das mais diferentes formas, não são objetos da ciência: Ela estuda os corpos dos laboratórios. Por exemplo, quando o corpo vivente caminha, expressando sua natureza e sua cultura, a ciência o apreende como um complexo sistema de forças em deslocamento. Assim, conclui-se que os corpos científicos, ou seja, aqueles criados pela ciência, não correspondem aos corpos viventes. .